

CURIOSIDADES E ATUALIDADES

Reencarnação : a idéia da reencarnação é muito antiga, anterior ao surgimento do cristianismo. Ela é, originalmente, hindu. Mais tarde, os filósofos gregos Pitágoras e Platão ensinaram algumas idéias reencarnacionistas. A reencarnação é uma experiência dolorosa, ou melhor, são infindáveis experiências dolorosas de renascimentos, sofrimentos e mortes. Para Buda: “dor é renascer uma vez após a outra”. Uma popular canção indiana menciona que nos sucessivos nascimentos “a dor e a tristeza amargam todo o caminho”. Esse processo parece nunca acabar. O fato é que a reencarnação cobra as nossas dívidas, impiedosamente, enquanto que a salvação oferecida por Jesus as perdoa graciosamente. A reencarnação deixa todo o fardo nas costas do devedor. Nela, o homem é o seu próprio salvador. No cristianismo, o fardo é transferido para os ombros de Jesus— o nosso Salvador. A reencarnação fala de muitas mortes; o cristianismo de uma só morte para o homem, vindo depois dela o juízo divino (Hb 9:27). O cristianismo assegura, ainda, a gloriosa ressurreição dos mortos, no pleno deleite de Deus, por toda a eternidade. A reencarnação é, afinal, atribuída em grande parte à revelação dos espíritos dos mortos enquanto o Evangelho (as Boas Novas) de Jesus é atribuído à revelação do Espírito do Deus vivo. A reencarnação, definitivamente, não é cristã. No cristianismo, cada ser humano é uma criação única, exclusiva, e especial, de Deus, que não passa por sucessivas encarnações de sofrimentos sem fim e pecados recorrentes.

Perseguição : o cristianismo, quando comparado às demais manifestações religiosas no mundo, é, atualmente, o que mais sofre perseguições. Existem muitos países que impedem fortemente a entrada e a propagação do Evangelho cristão. Cristãos seguidores de Jesus ainda hoje são agredidos, presos, torturados e até mesmo mortos nesses lugares. Em pelo menos 27 países, essa perseguição é forte e substancial. Um total de 50 países apresenta intolerância ao cristianismo. E não só em países da Ásia e da África isso se faz claramente evidente mas em alguns países ocidentais desenvolvidos e em desenvolvimento, com liberdade religiosa, também se tem verificado determinados níveis, não justificados, de perseguição e animosidade ao cristianismo.

O início do tempo : de todas as manifestações religiosas do mundo, praticamente só a teologia judaico-cristã afirma que o tempo teve um início, por ação divina. As outras mencionam um deus ou deuses criando (o universo) no tempo, estando eles, então, confinados no tempo. Alguns versos da Bíblia falam do início do tempo (ex: 2Ti 1:9, Tit 1:2, etc.). Deus criou a dimensão do tempo do nosso universo e ele independe dela, não é limitado por ela. Por isso, a teologia judaico-cristã é, ainda, a única que afirma que Deus não teve início, nem terá fim e que nunca foi criado pois, no mínimo, ele independe da linha de tempo do nosso universo.

Muito tempo ateu : Antony Flew, um conhecido professor de filosofia, inglês, ávido defensor do ateísmo (em debates, artigos e livros) por mais de 50 anos, finalmente reconheceu, recentemente, que uma “super inteligência” por trás da criação do universo é a única boa explicação para a origem da vida e para a complexidade da natureza. Ele disse que em toda a sua vida seguiu o princípio filosófico grego “siga as evidências onde quer que elas levem”. Elas, afinal, o estão levando para Deus.

“*Sei em quem (Jesus) tenho crido*”: palavras do apóstolo Paulo à Timóteo (2Ti 1:12).



Cristo é a nossa vida (Col 3:4)

Jerusalém - Vale Kidron



Ano 1
Número 3

Outubro de
2006

Retendo
firme
a fiel
palavra
(Tito 1:9)

Contatos:
infocristao
@yahoo.
com.br

Fortaleza,
Ceará,
BRASIL

CONVERSÃO

Numa simples conversão para uma religião qualquer, o processo é humano e, portanto, muito provável de ser falho e enganador ainda que o convertido possa não perceber que isso pode ocorrer. Pessoalmente, é feita uma escolha de se seguir determinada religião segundo diversos critérios tais como simpatia, identificação, curiosidade, recomendação de terceiros, etc., ou então alguém escolhe pela pessoa (geralmente no seio familiar, por tradição ou comodidade, ou a nível político, por imposição/legislação, etc.).

Por outro lado, quando nos convertemos, sinceramente, a Jesus, crendo, sem fé cega, que ele é o nosso Salvador, e nos deixando ser salvos pelo Cristo, o Espírito de Deus age em nós. Essa ação é sobrenatural, de Deus sobre o homem, e podemos senti-la, sem nenhuma sombra de dúvida. Na conversão a Jesus, apenas damos início ao processo (pela nossa fé e arrependimento) e Deus faz o resto transformando-nos em uma nova criatura, recriada para ele, nascida de novo — “do alto”, do Espírito (Jo:3). Essa é a grande diferença em relação à conversão puramente humana, movida apenas pelo lado pessoal.

Efraim disse: “... converte-me, e serei convertido, porque tu és o Senhor meu Deus” (Jr 31:18). Observa-se que Efraim buscou corretamente a Deus, permitiu a sua ação, e este agiu sobrenaturalmente sobre ele. Essa é a genuína conversão que leva à salvação a qual é maravilhosa promessa de Deus, resultado do sacrifício vicário de Jesus pelos pecadores.

Portanto, “Arrependei-vos e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados” (At 3:19). Convertei-vos a Jesus, enquanto é tempo.



OBRAS OU APENAS FÉ?

A epístola de Tiago, o (meio) irmão de Jesus, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo (Tia 1.1), se preocupa com os aspectos práticos da conduta cristã direcionando os seus leitores para uma vida piedosa e mostrando como a fé opera na vida cotidiana. No verso: “Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?” (Tia 2.14), Tiago não contradiz os ensinamentos da justificação pela fé, do apóstolo Paulo, apenas questiona a autenticidade de uma fé não operante, que não é acompanhada de obras. A fé que, por si só, é suficiente para a salvação, é a fé “viva”, ou seja, que é seguida de obras, desinteressada, pois, para Tiago, “... a fé, se não tiver obras, por si só está morta” (Tia 3.17). A fé viva, pois, tende a produzir boas obras. Estas são frutos da fé autêntica, pura. A crença dos demônios em Deus (Tia 2.18), ao contrário, é morta, porque não produz boas obras. É possível, ainda, que uma pessoa sem uma fé genuína possa, eventualmente, produzir boas obras mas isso não é o lugar-comum pois “no coração do ímpio há perversidade, todo o tempo maquina o mal” (Pro 6.14).

“Não foi por obras que o nosso pai Abraão foi justificado, quando ofereceu sobre o altar o próprio filho Isaaque?” (Tia 2.21). Neste outro verso, Tiago quis dizer que Abraão demonstrou a realidade da sua fé através de seu grande ato, mesmo porque Deus já havia declarado Abraão não culpado muito tempo antes: “Ele creu no Senhor, e isso lhe foi imputado para justiça” (Gên 15.6). Observe que a Bíblia fala apenas que ele creu. Em relação a este patriarca, o apóstolo Paulo explicou: “Porque se Abraão foi justificado por obras, tem de que se gloriar, porém não diante de Deus” (Rom 4.2) pois “...ao que trabalha, o salário não é considerado como favor e, sim, como dívida” (Rom 4.3). Tiago ainda esclareceu, no caso de Abraão, que “...foi pelas obras que a fé se consumou” (Tia 2.22), isto é, que a fé se completou. Assim, com o verso “Verificais que uma pessoa é justificada por obras, e não por fé somente” (Tia 2.24), como resposta ao verso 14, o primeiro mencionado acima, Tiago indicou que a fé produtiva está relacionada à salvação pois ela representa a fé verdadeira. Dessa forma, fé e obras poderiam ser comparadas a um “bilhete de passagem para o céu” composto de duas partes. A parte das obras diz: “simples comprovante” - sozinha não é válida como passagem; a parte da fé assevera: “autenticada pela outra parte— as obras”. Assim, as

obras, por si sós, não são suficientes para a salvação: “...o homem não é justificado por obras da lei, e, sim, mediante a fé em Cristo Jesus, ...por obras da lei ninguém será justificado” (Gal 2.16). As boas obras não são meritórias, não são meios de salvação.

Mas as obras testificam a fé. Tiago procurou mostrar como podemos ser justificados diante dos homens: “... te mostrarei a minha fé pelas minhas obras” (Tia 2.18). A justificação diante de Deus, porém, é somente mediante a fé, recebida por meio da fé, fé esta que desabrocha mais facilmente em boas obras. Tiago combateu o ensino de que não importa qual seja a conduta da pessoa, uma vez que creia. Se a fé é suficiente para nos justificar, então, uma vez salvos, não podemos viver, doravante, sem buscarmos praticar as obras da lei.

As boas obras, portanto, não são suficientes para obter o perdão dos pecados que já cometemos. O perdão de pecados é dado pela fé em Jesus como nosso Salvador, pelo nosso arrependimento e batismo (Luc 3.3, At 2.38, At 10.43, etc). Assim, quando violamos um só dos mandamentos de Deus somos culpados de todos (Tia 2.10). Uma única violação da lei dada por Deus põe o transgressor numa posição diametralmente oposta diante de Deus, a do pecador diante do Santo. Se este transgressor conseguir cumprir perfeitamente a lei daí para a frente, não poderá compensar pela violação passada. Também não há recompensa extra pela observância da lei já que é essa observância o que a própria lei demanda.

Convém lembrar, ainda, que o profeta Isaías falou que todas as nossas justificações são como trapo da imundícia e as nossas iniquidades como um vento nos arrebatam (Isa 64.6). Assim, só a misericórdia divina e não as nossas obras de justificações nos salvam: “Não por obras de justificações praticadas por nós, mas segundo a sua misericórdia, ele nos salvou” (Tit 3.5).

“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus, não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Efe 2:8-10).

Assim, “se é pela graça* (*que somos salvos*), já não é mais pelas obras; se fosse, a graça já não seria graça” (Rom 11:6).

* Graça = favor imerecido

